

## RECENSÃO CRÍTICA

**Aguirre, Mariano (2023). *Guerra Fria 2.0*. Barcelona: Icaria. ISBN 978-84-19200-76-1**

**PAULA ALFAIATE DA LUZ**

[paula.alfaiate@funiber.org](mailto:paula.alfaiate@funiber.org)

Mestranda em Relações Internacionais, na Universidade Autónoma de Lisboa (Portugal). Licenciada em Relações Internacionais, na referida Universidade. Traduziu o livro *Guerra Fria 2.0*, de Mariano Aguirre. Assessora de Admissões na Fundação Universitária Ibero – Americana e Universidad Europea del Atlántico, em Lisboa.

No seu livro *Guerra Fria 2.0*, Mariano Aguirre, analisa os acontecimentos mais relevantes dos dias de hoje e até que ponto estes são ou não comparáveis aos tempos da Guerra Fria, dominados pelo confronto capitalismo vs comunismo. Além de destacar os principais atores no sistema internacional, as diferenças substanciais no alinhamento destes e o que representam atualmente estes poderes num mundo multipolar, marcado pela crise da democracia, a ascensão de movimentos extremistas, o impacto das alterações climáticas, o uso das novas tecnologias e a inteligência artificial, onde os interesses de cada um suplantam o bem – estar de todos.

Este será o mote para a análise do autor, recorrendo a diferentes e credíveis fontes bibliográficas, o que nos leva a questionar o que nos espera o futuro, evidenciado um presente pródigo em acontecimentos reveladores de um mundo em ebulição.

A nível estrutural, o livro está dividido em catorze partes, os agradecimentos, a introdução, dez capítulos, um índice onomástico e um último capítulo sobre o Autor. O prefácio é do Dr. Luís Tomé, Diretor do Departamento de Relações Internacionais e do OBSERVARE, da Universidade Autónoma de Lisboa.

Na Introdução, Aguirre defende o porquê do título deste livro, *Guerra Fria 2.0*, e o que os debates em Espanha e na América Latina suscitaram, na possibilidade de este ter ou não um ponto de interrogação. Contudo, o objetivo, segundo o autor, não é debater se existe uma nova Guerra Fria, mas sim destacar que alguns dos aspetos mais importantes dos anos 1947 – 48 até 1989 – 1991 podem repetir – se, como a corrida aos armamentos, a incerteza quanto a acontecimentos políticos, económicos e sociais e o adjetivo “fria” “entre uma realidade de tensões em múltiplos domínios, incluindo o da segurança militar, mas em que se mantém um *equilíbrio* delicado”. E como exemplos atuais, o conflito na Ucrânia e a disputa da soberania pela Ilha de Taiwan, assim como os EUA, a China e a Rússia podem atuar no chamado Sul Global.



No primeiro capítulo, *Da Guerra Fria à Globalização*, o autor analisa o período bipolar da Guerra Fria, entre os EUA e a URSS, sendo que de acordo com Odd Arne Westad, o confronto entre o capitalismo e o comunismo teve o seu início no final do séc. XIX, e para Jürgen Osterhammel, nesta fase estivemos perante grandes transformações nos mais variados âmbitos (científico, tecnológico, político e bélico). E tudo isto determinou o que é hoje o mundo atual.

Existindo um reforço da capacidade nuclear não só por parte dos EUA e da URSS, mas também da França, da China e da Grã – Bretanha, com acordos que se formaram nesta fase e que no presente além de terem sido abandonados, a letalidade e a sofisticação das armas nucleares são substancialmente superiores e que o perigo da sua utilização é mais visível.

Apesar dos dois modelos económicos referidos acima e que dominaram o período da Guerra Fria, neste contexto de globalização estamos perante uma dependência e competição mais evidente entre as potências atuais, ao nível económico, comercial e tecnológico, como é o caso da deslocalização das fábricas europeias para Pequim.

Além disso, novas formas de propaganda através das redes sociais, a proliferação de *fake news* ou mesmo métodos sofisticados, com a utilização de algoritmos, o que lhes permite alterar resultados eleitorais, como sucedeu com as eleições nos EUA. A tais fenómenos Aguirre denomina como a opacidade das novas tecnologias.

O segundo capítulo, *Um Só Sistema Mundial*, está centrado nos desafios que o confronto entre os EUA e a República Popular da China enfrentam atualmente, distinto do período da Guerra Fria entre os EUA e a URSS.

Sendo que a ideologia deu lugar a um sistema económico neoliberal, onde todos os Estados se inserem, o que impactou os sistemas democráticos, provocando uma maior desigualdade, segundo Organizações Internacionais, como as Nações Unidas.

O comunismo embora já não seja uma ideologia dominante no espectro político, a ascensão da extrema – direita veio colocar à tona algo do passado, como o intensificar do terrorismo, a criminalidade organizada, existindo um bode expiatório nos migrantes, muçulmanos, asiáticos, latinos, como se quisessem tomar o lugar da “população branca”.

O confronto bipolar da Guerra Fria, transformou – se num confronto entre várias potências: os EUA, a China, a URSS e a Índia e potências regionais, como a Turquia e os denominados países do sul que pretendem ter um papel importante no panorama internacional, alterando a ordem multilateral vigente. O autor acrescenta a relevância do diálogo entre as partes para diminuir tensões, assim como responder a novos desafios, por exemplo, a ascensão da Inteligência Artificial.

No terceiro capítulo, *Multipolaridade e Poderes Emergentes*, o autor distingue a ordem mundial que nos regia durante a Guerra Fria (bipolaridade) e a que se reflete nos dias de hoje (multipolaridade), onde diversos atores exercem a sua influência e nem sempre conseguem superar a capacidade dos demais. Os países chamados de emergentes, o grupo dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), abrange 46% da população do planeta, o que corresponde a 24% do produto interno bruto (PIB). Tal como o seu poder no mundo é cada vez mais evidente, apresentando – se como a “voz do mundo emergente e em desenvolvimento”, apesar de ainda manter uma posição inferior ao G7,



devido à paridade das moedas transacionadas. (O'Neill, 2023). Amitaya Acharya menciona que a inexistência de uma potência dominante associa-se a uma crescente interdependência.

Esta questão dos países emergentes, como refere Aguirre, pode levar – nos a erros conceptuais no que aos “países do sul” diz respeito, visto que falamos da China e da Rússia, que aproveitam a sua posição geográfica, mas são potências em ascensão, com níveis distintos de desenvolvimento face à Índia, Brasil e Turquia. E outras potências com influência regional, como é o caso de Israel, que segundo os ditames oficiais, a criação do seu Estado é o resultado do interesse britânico em que estes tivessem o seu próprio território, da história do sionismo e do Holocausto. Estes países não apresentam uma alteração na ordem económica e liberal face à existente, apenas pretendem que a sua voz seja mais ativa nas tomadas de decisão, nos mais variados âmbitos.

A Índia, considerada a maior democracia do mundo, bastante desenvolvida a nível tecnológico, com tremendas debilidades nos campos social e económico, possui armas nucleares e oscila o seu apoio de acordo com os seus interesses (na redistribuição de poder, apoia Moscovo e Pequim e na sua política externa de não – alinhamento, está próxima da Rússia e dos Estados Unidos) e faz parte do *Quadrilateral Security Dialogue*, com os EUA, o Japão e a Austrália, com o objetivo de controlar a influência da RPC na Ásia – Pacífico.

O autor no quarto capítulo, *As Grandes Potências e o Sul Global*, debruça – se na questão da Guerra da Ucrânia e o quanto esta veio desviar as atenções de outras regiões não menos importantes. Não quer dizer com isto que a invasão da Rússia na Ucrânia não tenha criado um forte impacto na Europa e que a mesma não seja legítima. Contudo, levou a um aumento dos preços e a um desequilíbrio financeiro, com forte impacto nos países já por si afectados, que corresponde a 24% da população mundial, cerca de 60 países, e destes, 73% vivem em pobreza extrema.

No momento actual, falamos de formas distintas de guerra. Durante os anos 1991 – 2010 existiam menos guerras, mas com a “Primavera Árabe” e o surgimento do Estado Islâmico, estamos perante um aumento no investimento de orçamentos militares e atores não – estatais, tal como o crime organizado, milícias e grupos de guerrilha.

Tudo isto aliado ao declínio dos Estados Unidos, enquanto grande potência, a ascensão da China e a própria invasão da Rússia na Ucrânia, assim como o uso das armas nucleares como um recurso cada vez mais provável, vem demonstrar que os conflitos vieram para ficar e quiçá mais mortíferos e destrutivos. Nesta linha de pensamento, a fragilidade dos estados, desde a sua liderança à existência de grupos terroristas, fronteiras cada vez mais porosas, desde logo mais suscetíveis a que as grandes redes internacionais operem nos seus países e controlem os sectores económico e financeiro, provocando uma maior dependência entre os países do sul em relação aos do norte, afetados por níveis distintos de pobreza, desigualdade, violência, divisões internas e o impacto das alterações climáticas Segundo o autor, muitos destes problemas são o resultado do passado colonial, imperial e posteriormente da Guerra Fria e das alianças que se criaram até então.

O quinto capítulo, *Os Estados Unidos, Crise Interna e de Liderança*, reforça a percepção que temos deste país, enquanto potência hegemónica (algo que manteve desde a Guerra



Fria), e epicentro da ordem liberal internacional do após a II Guerra Mundial. No entanto, encontra – se em declínio por fatores internos<sup>1</sup>, que se repercutem no seu poder no mundo. Tudo isto aliado ao negócio de armas que assola o país, sendo que a sua população é de 238 milhões de habitantes e estima – se que existam 390 milhões de armas, que são detonadores para o que alguns analistas consideram razões para uma possível guerra civil.

A verdade é que o cansaço da sociedade americana pelo fracasso na participação em guerras duradouras, como é o caso do Iraque e do Afeganistão, e os gastos económicos nas guerras, leva a que os EUA percam algum prestígio ao nível interno e externo.

Aguirre frisa que Joe Biden e o seu secretário – de – Estado, Antony Blinken, aplicam uma política pragmática, onde os interesses económicos e políticos a nível interno suplantam a defesa da democracia e dos direitos humanos no exterior.

Contudo, existem diferenças face à anterior administração no que às OI diz respeito, Trump retirou os EUA do Acordo de Paris, da OMS, com críticas constantes às Nações Unidas, enquanto Biden no seu discurso na 77.<sup>a</sup> Assembleia Geral das Nações Unidas, reiterou o apoio a esta Organização Internacional, inclusive, defendeu a reestruturação do CSNU.

O sexto capítulo, *A China, a Caminho da Consolidação de uma Grande Potência*, o autor reforça a relação entre os Estados Unidos e a China e a importância de ambos quererem evitar uma nova Guerra Fria, após o encontro realizado em setembro de 2022. Foram discutidos temas sensíveis, como a questão comercial (o facto das cadeias de produção se deslocarem para a China), os exercícios realizados pela China no Pacífico, entre outros pontos de igual importância, não colocando de lado a Guerra na Ucrânia e o não uso das armas nucleares, bem como a sua ameaça, optando por estarem em sintonia em áreas tão sensíveis como as alterações climáticas, a segurança alimentar e a “estabilidade económica”.

O seu progresso levará a que, segundo alguns autores, ultrapasse os EUA ao nível comercial, tendo a indústria no campo de energias solares, dos veículos eléctricos e na inteligência artificial o seu expoente máximo, como líder em oito empresas de tecnologia, das vinte que existem no mundo.

Os seus cidadãos, apesar do controlo que existe por parte do regime chinês, preferem viver num país desenvolvido do ponto de vista económico, que lhes proporcione o acesso ao consumo, do que viverem na imprevisibilidade. Sendo que se depara com problemas sociais que poderão ter consequências no futuro, como a baixa natalidade, uma alta taxa de desemprego na população jovem, graves problemas de seca e de poluição e as questões de Taiwan e da província de Xinjiang (várias vezes é acusada de reprimir o povo uigure).

---

<sup>1</sup> Entre outras possíveis razões: Questões relacionadas com a política interna, desencadeando uma grave crise nos setores democráticos, o que provoca a ascensão dos líderes extremistas, onde grupos organizados operam e fragilizam a democracia e a sociedade no seu todo, numa óptica anti-estado; a falta de competitividade na indústria, provocando a deslocação das empresas para outros países, como a RPC; o aumento da desigualdade e, conseqüentemente, da violência nas ruas. Além também, do que o autor designa como “guerras culturais”, estas associadas à migração, ao modo como a lei do aborto é analisada em cada Estado, o revisionismo histórico da escravidão, entre outras.



No campo do multilateralismo, está cada vez mais presente nas várias organizações internacionais, na participação em Fóruns e organizações de matriz regional. Tendo como um dos seus objetivos principais o seu grande projeto *Belt and Road Initiative*, através do investimento de infraestruturas, sendo fundamental nas suas exportações e projeção de poder a nível internacional.

No sétimo capítulo, *a Rússia, um Gigante Militar com Debilidades*, o autor destaca um ponto que nos parece fundamental: o porquê da obsessão da Rússia pela sua segurança. Esta provém do séc. XVI, devido ao seu extenso território sem fronteiras naturais, da invasão napoleónica no séc. XIX e , posteriormente, as duas invasões por parte da Alemanha no séc. XX. E por isso, nos dias de hoje, a sua constante preocupação pela expansão da NATO junto às suas fronteiras.

O final da URSS, considerado por Putin como o grande desastre geopolítico do séc. XX, aliado ao final de “uma economia centralizada para a privatização e a abertura política”, liderada por Boris Ieltsin, conduziu o país a níveis de corrupção que se manifestam até hoje. Através de empresários e políticos que passaram a controlar 25% do PNB da Rússia e que se transformaram numa elite económica, com investimentos no ocidente nos mais variados setores.

Com o início da Guerra da Ucrânia, foram impostas sanções à Rússia, sendo estas um elemento poderoso para controlar o aumento do stock de armas e munições. O que não retira a Putin considerar o seu país uma grande potência e desafia os Estados Unidos a assumirem que a ordem liberal está acabada e que assumam um mundo multipolar, tal como o ocidente admita que perdeu o poder baseado em regras que já não se aplicam nos dias de hoje.

No oitavo capítulo, *um Mundo de Desafios para a UE*, o autor destaca os principais desafios da UE, sendo que estes centram -se não só nas dificuldades em introduzirem uma política externa de segurança e defesa comuns, que veio a intensificar – se com o conflito da Ucrânia e também na ascensão de governos autoritários, os movimentos de extrema – direita, no controlo da migração, relegando para a Turquia, Marrocos e a Líbia o controlo de todo este processo. Além da proximidade de alguns países com a Rússia, a instabilidade no Médio Oriente que afecta parte do Norte de África e a insegurança vivida na Europa pela entrada de terroristas pertencentes ao Estado Islâmico, exacerbaram as dificuldades europeias.

Outro dos obstáculos passa pelo princípio da unanimidade e que bloqueia a tomada de decisões entre os 27 estados – membros, como a possível entrada de outros países (como ocorre com a Ucrânia e alguns países dos Balcãs) e os custos que tudo isto acarreta.

A relação com os Estados Unidos como garante da segurança europeia devido à NATO e ao papel destes na reconstrução europeia após a II Guerra Mundial, levou à participação dos países no Iraque e na Síria e o resultado foi desastroso. Tal como a possibilidade da chegada ao poder da ala republicana em 2024, com uma tendência autoritária, e que poderá colocar em causa a cooperação internacional e um abandono do multilateralismo.

No penúltimo capítulo, *uma Segurança Diferente*, debatem – se as principais teorias das Relações Internacionais e o modo como estas se enquadram num contexto e desafios distintos. Quanto ao Realismo, no qual os *Estados são egoístas* e o sistema internacional é anárquico, foi a teoria dominante no período da Guerra Fria.



A corrente Liberal ou Kantiana centra – se no quadro da cooperação, tendo a democracia como o elemento perfeito para que esta se possa desenvolver e as organizações internacionais, as ONG ´S e a Sociedade Civil como fundamentais em todo este processo.

As restantes teorias das Relações Internacionais, “a construtivista, a marxista, a pós-estruturalista, a pós-colonial e a de género” embora analisem de igual modo o sistema internacional e possam influenciar as anteriores, o realismo e o liberalismo são as predominantes nesta nova ordem mundial.

A preocupação em torno de uma “segurança comum”, foi “apresentada em 1982 pela Comissão Independente sobre Desarmamento e Questões de Segurança, liderada pelo então primeiro-ministro sueco Olof Palme”, a qual defendia que a segurança era um direito de todos os cidadãos.

No ano de 1992, coincidente com o final da Guerra Fria, foi aprovado um importante documento, *A Agenda para a Paz*, criado pelo à época Secretário – Geral das Nações Unidas, Boutros Boutros – Gali. Este foi o espoletar do papel do Direito Internacional nos mais variados contextos, quer nos casos de genocídio e a relação entre soberania nacional e a intervenção nos países quando estamos perante violações dos Direitos Humanos.

A segurança, no momento presente, depara – se com algumas dificuldades. Desde a falta de investimento em novos modelos de intervenção, como a guerra cibernética, as armas nucleares e a inteligência artificial, até aos interesses instalados nas empresas fabricantes de armas e todos os que fazem parte deste modelo de negócio, assim como quando, por motivos culturais, sociais e políticos, se sintam mais seguros pelas forças de segurança.

E neste âmbito, tal como refere Aguirre, a prevenção de conflitos num sentido múltiplo é uma via por onde começar para que o mundo não nos fuja das mãos.

Para finalizar, o décimo capítulo, *O Futuro*, a autor vaticina um futuro não muito promissor. Tudo isto se deve às desigualdades sociais e económicas cada vez mais acentuadas, apesar de todos os desenvolvimentos económicos e tecnológicos. Centrando – se na crise da democracia, no interesse dos Estados como benefício próprio e não como solução para o bem – comum, a ascensão da extrema - direita, também já referida noutros capítulos, o poder das redes sociais no comportamento e controlo das sociedades e o quanto estas podem desencadear movimentos racistas e xenófobos.

Aliado a tudo isto, a competição entre grandes e emergentes potências, a China, os Estados Unidos, a Rússia, o Irão, a Turquia, a União Europeia, entre outros. Resultando daqui diferentes conflitos consoante a capacidade militar, nuns casos mais associado à guerra cibernética e noutros o terrorismo como controlador do Estado.

Paralelamente, o aumento da pobreza e da crise alimentar, fruto dos conflitos, das alterações climáticas e das consequências sociais e económicas da pandemia COVID-19, associado a um investimento cada vez maior no armamento e despesas militares, assim como a competição pelos recursos energéticos (carvão e petróleo), as tecnologias verdes (World Bank, 2023; Energy investment, 2023). O bem mais precioso que podemos ter, a água potável, será igualmente promotora de uma disputa geopolítica cada vez mais acentuada. (Bremmer. I.; Kupchan, C., 2023).



## Reflexão sobre a obra

O autor ao longo da obra apresenta – nos uma posição coerente face a todos os acontecimentos. Embora não queira considerar na totalidade que estamos perante uma nova Guerra Fria, existe uma correlação sucessiva de factos que nos transportam para a década de 90 e a possibilidade de uma Guerra Fria 2.0, com novas alianças e desafios internacionais.

Neste contexto, Monjardino considera todo este processo como a “crise dos trinta anos” (2023: 355) e o de “Grande Convergência” para nos descrever todos os desenvolvimentos dos últimos quarenta anos. Aplicando – os à ciência e tecnologia, à globalização e aos recursos energéticos. (2023: 367-68). E para que compreendamos os acontecimentos nos dias de hoje, é fulcral que avaliemos os factos em 4 regras: a regra de Heródoto: “a geografia, a cultura e a história de um país ou território continuam a ser essenciais na análise política”; a regra de Tucídides-Políbio, na qual “a principal ameaça à sobrevivência de uma democracia liberal é sempre interna”; a regra Stendhal-Tolstoi, sendo “extremamente difícil avaliarmos corretamente o verdadeiro significado dos acontecimentos no momento em que têm lugar”; e a regra Donald Trump-Vladimir Putin, nesta última, “devemos sempre suspeitar quando alguém afirma convictamente: «Isso não faz sentido nenhum»”. (Monjardino, 2023: 15-16).

Mariano Aguirre argumenta com clareza os dados que aplica ao longo dos capítulos, assim como analisa a história passada para compreendermos o presente e o que o futuro nos reserva, sem alarmismos mas com a racionalidade que o realismo das Relações Internacionais nos impõe, tornando a obra mais apelativa e desafiadora para o leitor. Um livro que reflecte o humanismo do autor e fundamental para quem se interessa por todas estas dinâmicas mundiais.

## Referências

Bremmer, I. & Kupchan, C. *Risk 10: Water Stress*. Nova Iorque: Eurasia Group, 2023. [Consult. 5 out. 2023]. Disponível em [Eurasia Group | Water Stress: Eurasia Group's #10 Top Risk of 2023](#)

International Energy Agency. *Overview and Key findings*. França, 2023. [Consult. 5 out. 2023]. Disponível em [Overview and key findings – World Energy Investment 2023 – Analysis - IEA](#)

Monjardino, M. (2023). *Por Onde Irá a História?* Lisboa: Clube do Autor. ISBN: 978-989-724-633-3

O’Neill, J. *Does an expanded BRICS mean anything*. Londres: Chatham House, 2023. [Consult. 5 out. 2023]. Disponível em

[Does an expanded BRICS mean anything? | Chatham House – International Affairs Think Tank](#)



---

The World Bank. *Global Food and Nutrition Security Dashboard*. Washington, 2023. [Consult. 5 out. 2023]. Disponível em [Food Security | Rising Food Insecurity in 2023 \(worldbank.org\)](https://www.worldbank.org/food-security)

**Como citar esta recensão**

Luz, Paula Alfaiate da (2021). Recensão Crítica de Aguirre, Mariano (2013). *Guerra Fria 2.0*. Barcelona: Icaría. ISBN 978-84-19200-76-1. *Janus.net, e-journal of international relations*. Vol14, Nº. 2, Novembro 2023-Abril 2024. Consultado [online] em data da última consulta, <https://doi.org/10.26619/1647-7251.14.01.1>

